

# A NETA

ESCREVEU ANTÓNIO MENDES MOREIRA

ILUSTROU RUI TRUTA



LIVRARIA **Civilização** EDITORA

# A NETA

ESCREVEU ANTÓNIO MENDES MOREIRA

ILUSTROU RUI TRUTA



## A NETA

Junto ao rio Sousa, numa quinta com alguns campos e matas, um jardim e muitos bichos, fica a casa dos meus avós. É muito grande, tem à frente uma velha buganvília, que se enche de flores avermelhadas e, ao lado, a rodear as janelas dos quartos, uma enorme roseira «Bela Portuguesa». Ah, como gosto de passar aí as férias! Longe dos prédios altos, do barulho e cheiro dos escapes, das multidões apressadas e sei lá do que mais, estou em paz. Mas quem sou eu afinal? Sou a Rita, tenho 10 anos e vivo num 1.º andar de uma rua central do Porto, onde, como em tantas outras, o Sol até parece ter de pedir licença para entrar.

O meu avô chama-se Daniel, tem 65 anos e é médico, mas já deixou de trabalhar. Gosta muito da bicharada e sobretudo de pombos-correios, que vai alimentando duas vezes por dia e solta ao fim da tarde. Essas avezinhas, que apetece tanto ameigar por parecerem de seda viva, diz ele que são símbolo de paz entre os homens e da fidelidade entre os casais. Como é agradável vê-las escaparem-se de uma gaiola



muito grande para, depois, voarem em círculos cada vez mais altos e mais largos e regressarem de coraçõezinhos muito apressados!

Nas beiradas da casa há muitos ninhos de andorinhas.

— Elas dão boa sorte! São sinal de felicidade! — já tenho ouvido dizer.

O que me parece espantoso é voltarem sempre ao lugar onde nasceram, depois de passarem o Inverno em África. E sei que, com outras aves e até com peixes, acontece o mesmo e, às vezes, após viagens ainda maiores. A Natureza é uma maravilha e tem verdadeiros mistérios.

O avô também tem canários e periquitos em gaiolas enormes para eles poderem saltitar à vontade. O que é incapaz é de prender melros, rolas, rouxinóis e pintassilgos, pois, conforme me explicou, embora cantem bem, não estão afeitos à prisão.

Na quinta há ainda gansos, pavões, um corvo domesticado, galinhas, patos, coelhos e um cão — o «Fiel», pastor-alemão que nos acompanha por toda a parte e só ladra às pessoas desconhecidas.

Eu gosto dos animais, mas há alguns que, quando nascem, são muito feios, como os pombos e os coelhos. Quando vejo um borrachito no ninho mal posso acreditar que se vai transformar numa daquelas lindas pombas que tanto gosto de ver voar. E os coelhinhos? Parecem-me tão nus, mesmo agasalhados com o pêlo que a mãe-coelha arranca do próprio corpo... Ao contrário, os pintainhos, mal se libertam do ovo, assemelham-se a bolinhas de veludo amarelo a esconderem-se debaixo da galinha!

O que me custa muito é não ter um barco para andar no rio. Nisso, meus avós não me fazem a vontade. Dizem-me

que é perigoso, que não sei nadar muito bem e que ainda se lembram de, há vários anos, ao pé da quinta, ter morrido um antigo professor, a que todos chamavam «Avô», quando o seu barco — o «Cisne» — se voltou. Contam-me ainda que esse velhinho era tão amigo das crianças, dos bichos e das plantas que nunca mais foi esquecido. Na margem, junto ao local do naufrágio, plantaram um videiro que é conhecido pela «Árvore do Avô». Está tão grande que já mal consigo abraçar-lhe o tronco prateado. Alguns ramos debruçam-se sobre a água e o avô Daniel diz que parecem querer beijar o rio tal como «O Avô» fazia com os seus doces olhos azuis enquanto remava, remava com o «Cisne» cheio de meninos. Eu não entendo muito bem o que quer dizer, mas fico pensativa e ele também.

Parece que dantes o rio Sousa tinha a água límpida e muitos peixes. Agora, a poluição, a que o meu avozinho chama o «veneno do progresso», vai estragando tudo: há cada vez menos peixes, a água ficou turva e as margens estão cheias de plásticos.

Quando o tempo obriga a estar dentro de casa, tenho muito com que me entreter. No escritório posso desenhar, ler histórias e, acima de tudo, jogar com o computador. Que coisa maravilhosa é este aparelho! Nem sinto passar as tardes. A avó Mariana senta-se a ler ou a fazer renda, o avô vai escrevendo e eu ali fico, calada, tão feliz! Às vezes, olho para eles e imagino como seriam quando eram pequeninos. Outras vezes, ao vê-los já com o cabelo quase todo branco e algumas rugas, julgo que nunca foram doutra maneira, que nasceram já assim velhinhos só para me darem carinho. Que tola eu sou!... E peço-lhes para me contarem histórias, para me falarem do tempo em que eram da minha idade. A avó pega

em mim ao colo («estás tão grande!, já mal posso contigo!» — diz sempre) e fala de tempos antigos, de fadas e de gigantes e, sobretudo, diz-me como brincava em casa dos seus avós. E pergunto, pergunto sempre, quase me parecendo um sonho que também tenha sido do meu tamanho.

— Olha, Rita, quando eu era uma menina brincalhona como tu, também gostava de passar as férias com meus avós. Era longe daqui, numa casa que nunca viste, mas de que tenho muitas saudades. O meu avozinho tinha uma terna barba branca e uns olhos muito verdes e a minha avó era bonita e alegre, sei lá como quê... como uma papoila? Eu passava o dia pela quinta, pois sempre senti mais vontade de jogar a bola e trepar às árvores do que de brincar com bonecas. E que lindas eram as dela!... Nas tardes de Verão, merendávamos no jardim, debaixo das árvores e, à noite, ouvíamos música sob o olhar das estrelas. Não havia giradiscos como os de hoje, não! Era um gramofone com uma enorme campânula e a que era preciso dar corda.

E, como quero saber cada vez mais coisas, pergunto:

— E carros? Havia muitos no teu tempo de menina?

— Sim, havia, mas muito menos do que hoje. Então, quando a minha avó era pequenina, andavam tão poucos que ela nem acreditava que pudessem existir. Contou-me algumas vezes que, quando o irmão, chegado de uma viagem a França, lhe tentou explicar o que era um automóvel, logo lhe respondeu: «Um carro andar sem cavalos a puxá-lo?! Pode lá ser!... Estás a brincar comigo. Isso é como se me sentasse numa cadeira e ela se pusesse a andar sozinha!...». Vês como a vida era diferente? Ainda te digo mais. Minha avó lembrava-se dos primeiros comboios que passaram na Linha do Minho. Era muito novinha e gostava de ouvi-los





desabafar: «pouca-terra, pouca-terra, pouca-terra...» Sim, minha querida, as locomotivas trabalhavam a lenha ou a carvão e, por isso, pela chaminé saía fumo e até faúlhas. Uma vez correu para espreitar um e caiu por uma ribanceira medonha. O que lhe valeu foram as giestas, o mato e as silvas que conseguiram ampará-la antes de chegar à linha do caminho-de-ferro.

E eu, que já ando sozinha de autocarro à ida e vinda das aulas, fico espantada. Como seria viver naquele tempo? Aconchego-me mais no colo da avó Mariana, encosto a cabeça ao seu peito e continuo a escutar.

— Nos dias de Inverno não existia aquecimento. Lembro-me de uma grande lareira, na cozinha, onde havia sempre um lume tão bailarino como carinhoso. Sentávamo-nos em redor, nuns grandes bancos chamados preguiceiros, e, às vezes, assávamos castanhas nas brasas. Um dia, andei a brincar no quintal e, quando entrei, trazia os pés muito frios. A avozinha tirou-me logo os sapatos e as meias, sentou-me no colo e, aquecendo as mãos no lume, com elas quentinhas, foi-mos enchendo de carícias. Santa criatura, a minha avó!

Ela cala-se e eu sinto o meu coraçãozinho bater como um sino em dia de festa. Acho que, quando for grande, também direi da avó Mariana e do avô Daniel:

— Santas criaturas!...

Nas férias do ano passado apanhei um grande susto. Um amigo da casa, caçador, ofereceu-nos um lobo pequenino, que tinha caído numa armadilha. O avozinho começou por dar-lhe biberão e a pequena fera foi crescendo. Reparem que lhe chamo assim por os lobos serem bichos muito maus. Ora, o avô prendeu-o a uma casota, com um cadeado muito comprido para ele poder passear à vontade e convenceu-se



de que o ia domesticar. No entanto, era mesmo muito bravo. Estava sempre a arreganhar a dentuça, a uivar e não havia quem se aproximasse dele. A carne e os ossos tinham de lhe ser atirados. Um dia, rebentou o cadeado e comeu logo um cabritinho oferecido por um antigo doente. Depois, fugiu e espalhou o terror pela quinta. Por fim, um caseiro conseguiu matá-lo com um tiro bem certo na cabeça. O avô Daniel ficou desolado, pois, quando alguém lhe dizia que era um perigo ter um bicharoco daqueles em casa, respondia sempre com um sorriso:

— Há outros lobos, vestidos de homem, que são muito piores. Conheci alguns...

Coitado, nem o seu amor pelos animais tinha conseguido amansar aquela fera! Tive pena dele e até do lobo.

Às vezes vêm meninos brincar comigo. Então é saltar e rir até à noite! E, mesmo sem querer, também fazemos algumas asneiras...

No Verão passado havia um campo de centeio quase maduro e eu gostava de ver as espigas ondular ao vento, de mão dada, aqui e além, com as papoilas. Naquele dia, um companheiro resolveu correr, de braços abertos por entre as espigas, e nós, na beira do campo, só lhe víamos a cabeça e ouvíamos gritar:

— Que bom, estou a nadar!

Resolvemos imitá-lo e corremos todos para aquele mar dourado. O pior foi quando tudo acabou. Ficámos aflitos! Parecia que tínhamos aberto caminhos de espigas calcadas... Bem, ninguém nos ralhou, mas tivemos de prometer não repetir semelhante travessura.

Quando as férias acabam, volto para o Porto. Trago o coração derreado de tristeza e, durante alguns dias, só penso



nos meus avós, no «Fiel», nas pombas e na quinta toda. Depois, a saudade começa a ficar mais mansinha e sinto-me outra vez feliz em casa.

Com isto não quero dizer que não amo muito a minha cidade. É bom ver as montras cheias de coisas lindas, ir, rente ao rio Douro, até à Foz, para dar umas corridas no Passeio Alegre e, depois, seguir até ao porto de Leixões apreciar os guindastes a encherem ou a esvaziarem os barcos e os carrinhos e camionetas a girarem no cais. O que mais me custa é andar entalada nos autocarros e caminhar, aos encontrões, nas ruas mais estreitas.

Este ano fui, pela primeira vez, à noitada de S. João. Fiquei maravilhada! Havia rúsgas, balões, carrocéis, rodas de cavallinhos, carrinhos eléctricos e sei lá o que mais em todos os largos e jardins. E como as pessoas estavam satisfeitas em redor de mesas cheias de farturas, doces e bebidas! Então, nas ruas, os adultos até me pareceram mais alegres e brincalhões com os martelinhos e os alhos-porros do que eu e os meus companheiros no recreio da escola. E os manjericos, à venda nas beiras dos passeios, cheiravam tão bem! Trouxemos três, confiados em que durarão até ao próximo ano...

Ao chegarmos a casa, meu pai, que é muito bairrista, disse-me todo contente:

— Não há no mundo uma festa como o S. João do Porto!

— E porquê?

— Não achas que, nesta noite, todos se entregam uns aos outros como se fossem verdadeiros irmãos?

Este ano lectivo já vou para a Escola Preparatória. Quantos colegas me acompanharão? Vou estudar muito, ganhar novos amigos e esperar, com ansiedade, as próximas férias grandes.



Irei, outra vez, para junto do avô Daniel e da avó Mariana. Toda a quinta estará à minha espera, desde os bichos, que sempre acarinho, às flores, que tanto aprecio e até parecem sorrir quando lá chego. Só não haverá os grandes passeios de carro, ao pôr-do-Sol, de que tanto gostava... Tinha resolvido guardar este segredo, mas, afinal, sempre vou dizer qual foi a única coisa triste que aconteceu este Verão.

A entrada para a quinta é muito íngreme e o avô Daniel vinha repetindo, desde há alguns meses, que já não gostava de guiar por o trânsito se ter tornado cada vez mais complicado. Naquele fim de tarde, dispôs-se a levar-nos a uma festa, que se realizava em Paredes. O pior é que, mal tirou o carro da garagem, não conseguiu dominá-lo. Então, ao descer a ladeira como um cavalo desenfreado, o automóvel, depois de atravessar a estrada por entre uma camioneta e um tractor, embateu na parede do outro lado da rua, ficando com a frente desfeita e o pára-brisas esmigalhado. Milagrosamente, só ficámos com uma ou outra pisadura e alguns arranhões.

Meu avô, mal entrámos em casa, disse isto que nunca mais poderei esquecer:

— Hoje foi lata, ferro e vidro que ficaram desfeitos. Eu e a avó escapámos por termos posto os cintos de segurança. E tu, meu amor, por ires no banco de trás. Nunca mais guiarei. Também houve um dia em que, embora com muito desgosto, deixei de tratar doentes. Na vida é preciso sabermos parar a tempo, mesmo que isso nos traga muita saudade. Mas podemos curá-la. E sabes como? Abrindo, mais do que nunca, o coração a tudo e dando a mão a todos.

Contemplei-o e, sem saber bem porquê, senti os olhos cheios de lágrimas.





**DO AUTOR:**

- O TOJO TAMBÉM FLORESCE (romance) — Editorial Argus, 1956; 2.<sup>a</sup> edição reescrita — Brasília Editora, 1985 (esgotado).
- VIDA DE MÉDICO (contos) — Editorial Argus, 1966; 2.<sup>a</sup> edição corrigida e aumentada — Brasília Editora, 1981; 3.<sup>a</sup> edição corrigida e actualizada — Livraria Civilização Editora, 1988.
- VILATEIA (romance) — 1975; 2.<sup>a</sup> edição remodelada — Brasília Editora, 1985 (esgotado).
- PENSANDO NO VALE DO SOUSA (ensaio-crónica) — 1981 — Depositária: Livraria Maia, Paredes.
- EU E OS OUTROS (diário-memória) — 1.<sup>o</sup> tomo — Brasília Editora, 1983 (esgotado).
- EU E OS OUTROS (diário-memória) — 2.<sup>o</sup> tomo — Brasília Editora, 1984 (esgotado).
- SOBRETUDO O AMOR (contos) — Brasília Editora, 1985 (esgotado).
- O AVÔ (história infanto-juvenil) — Livraria Civilização Editora, 1986.
- EU E OS OUTROS (diário-memória) — 3.<sup>o</sup> tomo — Brasília Editora, 1987 (esgotado).
- A GIRafa E O GUINDASTE (história infanto-juvenil) — Livraria Civilização Editora, 1988.
- A NETA (história infanto-juvenil) — Livraria Civilização Editora, 1992.
- EU E OS OUTROS (diário-memória) — 4.<sup>o</sup> tomo — Livraria Civilização Editora, 1992.

**A PUBLICAR:**

- EU E OS OUTROS (diário-memória) — 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> tomos corrigidos, num só volume.
- A JORNADA (ficção): O TOJO TAMBÉM FLORESCE — 3.<sup>a</sup> edição corrigida; VIDA DE MÉDICO — 4.<sup>a</sup> edição corrigida; VILATEIA — 3.<sup>a</sup> edição corrigida e SOBRETUDO O AMOR — 2.<sup>a</sup> edição corrigida e aumentada.
- EU E OS OUTROS (diário-memória) — 5.<sup>o</sup> tomo.
- O HOMEM DE BRONZE (romance).



ISBN 972-26-0805-3



9 789722 608053